

Inadimplência social

Wander Soares

CORREIO BRAZILIENSE

22 JUL 1998

Chega ao final o século em que surgiu a chamada sociedade pós-industrial. Uma era de trabalho, lazer, globalização, busca da felicidade, valorização da qualidade de vida, avanço da tecnologia, da comunicação instantânea, da clonagem, da Internet... Para o Brasil, a exemplo do que ocorre em numerosas nações em desenvolvimento, este período também apresenta o contraste da exclusão social, do analfabetismo, da fome e da miséria.

Esse paradoxo brasileiro representa para toda a sociedade e, particularmente, para os que militam na educação, um gigantesco desafio. Como conviver com a modernidade, coexistindo com o retorno de doenças já extintas, o desemprego em massa, a dívida social e as escolas que têm computadores, mas carecem de bibliotecas, vagas para todos e professores preparados e motivados por salários dignos? É preciso debelar a fome, a doença, o analfabetismo e a miséria, resgatando as etapas queimadas no modelo de desenvolvimento adotado durante o século, e, ao mesmo tempo, familiarizar o país com o novo. A tecnologia, nesse contexto, não deve ser obstáculo, mas poderosa aliada na redenção da sociedade.

Para vencer o imenso desafio,

não se pode desconsiderar aquele que se constitui o repositório do conhecimento, da experiência e do pensamento humano — o livro. Não há nada de novo ou desconhecido que tenha sido objeto de cogitação humana que não tenha sido registrado em livros. Entendido como referência básica de cultura, saber e sonho, o livro deveria estar muito mais presente na vida da população brasileira, e sobretudo, nas escolas, como força propulsora do conhecimento e do ideal democrático do saber.

As bibliotecas escolares que, em muitos casos, não são mais do que depósitos de poucos e surrados livros, têm papel importantíssimo como canal entre o antigo e o novo, o conhecido e o desconhecido, o arcaico e o moderno. A educação para um mundo em constante mu-

tação não pode perder de vista os valores permanentes que se deve buscar na escola, no ensino, nos livros e mestres.

Assiste-se, hoje, à excessiva valorização do saber utilitário, do predomínio do conhecimento destinado a operacionalizar alguma forma de produção.

Assiste-se, hoje, à excessiva valorização do saber utilitário, do predomínio do conhecimento destinado a operacionalizar alguma forma de produção. A educação integral, porém, deve preocupar-se com o novo ser humano em sua inteira dimensão e prepará-lo para canalizar a inteligência e a energia não apenas para se transformar em mão-de-obra produtora de bens e serviços, mas em cidadão participante que busca a realização como indivíduo.

No entanto, parcela expressiva da população brasileira, especialmente no universo dos adolescentes e jovens, não tem exercitado sequer o direito ao ensino profissio-

nalizante, que lhes daria uma chance mínima de compartilhar das conquistas que a tecnologia, a informação e as transformações do mundo propiciam à qualidade de vida. A gravidade do problema é atestada pelo estudo, recentemente divulgado pela *Folha de S. Paulo*, de que os brasileiros com menos de 24 anos perderam 861 mil postos de trabalho, de 1989 a 1996. A pesquisa do professor Márcio Pochmann, da Universidade de Campinas, demonstra, também, que 1,6 milhão de empregos para os jovens anteriormente ligados ao trabalho formal transferiram-se para os chamados "bicos".

Assim, a juventude brasileira está perdendo os requisitos inerentes ao conceito de empregabilidade exigidos do trabalhador nesta era da globalização. Esse segmento de brasileiros é credor da nação. A triste inadimplência social do país, que começa na miséria, passando pela cultura e o ensino, culmina com o flagelo da exclusão, ferindo a democracia em um de seus princípios mais importantes: a igualdade de oportunidades.

■ Wander Soares, economista e professor, é diretor da Editora Saraiva e vice-presidente da Associação Brasileira de Editores de Livros (Abrelivros)